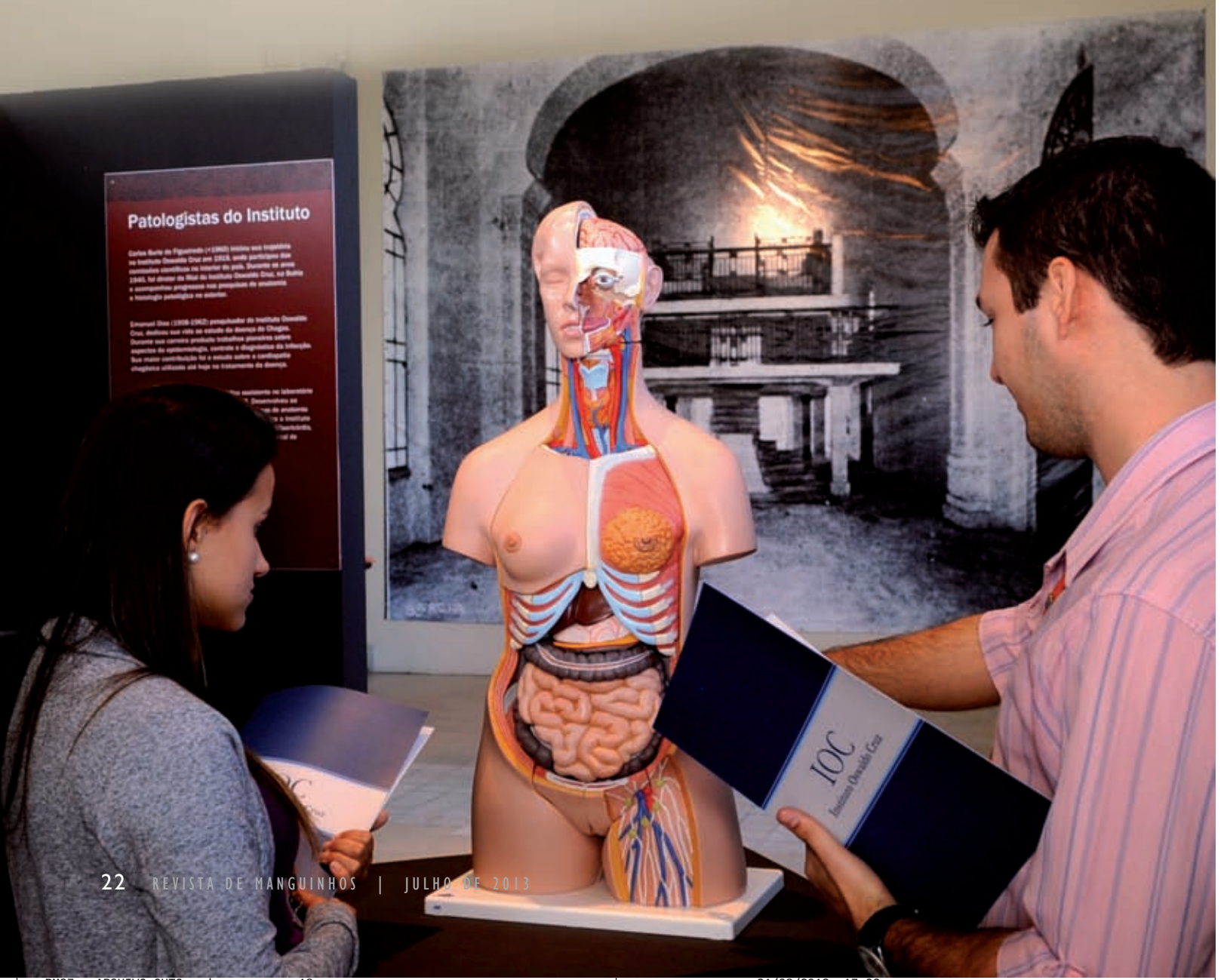
Patologia ao alcance de todos

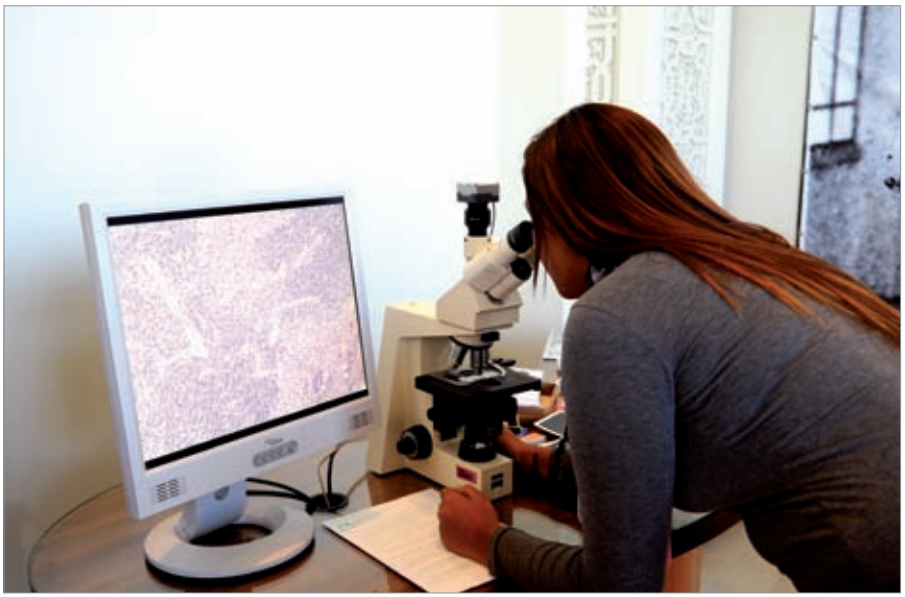
Anatomia, corpo e saúde são temas de exposição na Fiocruz

Cristiane Albuquerque

Parte de um importante patrimônio da ciência e da saúde dos brasileiros, quase dizimado durante o período da ditadura militar, está de volta ao seu lugar de origem e ao alcance de todos. Desenhos anatômicos, fotos, documentos e instrumentos médicos raros usados em exames e tratamentos, além de vacinas antigas, reunidos desde o início do século 20 estão na exposição *Corpo, saúde e ciência: o Museu da Patologia do Instituto Oswaldo Cruz*. A visitação é gratuita e fica disponível até 28 de setembro. ▶



A mostra apresenta peças anatômicas, além de objetos e documentos que totalizam cerca de 100 itens que integram o acervo histórico original de algumas das coleções biológicas de maior valor histórico mantidas pelo IOC e pela Fiocruz: a Coleção da Seção de Anatomia Patológica, criada em 1903 pelo próprio sanitarista Oswaldo Cruz, a partir das amostras trazidas da Alemanha pelo pesquisador Rocha Lima; a Coleção de Febre Amarela (1930-1970), que registra a história das epidemias do agravo no país; e a Coleção do Departamento de Patologia do IOC, iniciada em 1984.



A iniciativa consegue recuperar a história do Museu de Patologia e permite que o público tenha acesso a um acervo emblemático (Foto: Gutemberg Brito)

Corpo, ciência e arte

A relação entre o corpo, a ciência e a arte ganhou destaque na mostra. De acordo com um dos curadores da exposição, o chefe do Laboratório de Patologia do IOC, Marcelo Pelajo, muitos anatomistas dos séculos 15 e 16 também eram artistas. A representação da anatomia no período segue uma forte tendência para esta abordagem, não apenas como uma tentativa de reprodução da verdade anatômica, mas também como inspiração de arte. "Existe uma questão dialógica entre o estudo inicial da anatomia e o que as pessoas expressavam como arte. A exposição contempla essa relação a partir de algumas expressões artísticas, incluindo uma reprodução da obra *Aula de anatomia do Dr. Tulp*, de Rembrandt, cujo original está no Museu Mauritshuis, em Haia, na Holanda, a fim de demonstrar como foi construído esse intercâmbio entre anatomia e arte, evidenciando a importância deste tipo de conhecimento para a formação de artistas", destaca.

As atividades lúdicas da exposição foram pensadas para permitir a interação do público participante com os monitores da exposição. "As interações práticas entre o público e a exposição contam com atividades de microscopia virtual, telepatologia, observação de células ao microscópio, além de jogos lúdicos e uma miniatura de Sistema Circulatório, que descreve com cores diferentes a pequena e a grande circulação", descreve Pelajo.

Realizada pelo Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) e pela Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz), a iniciativa conta com financiamento da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O Instituto Biológico (São Paulo), o hospital A.C.Camargo Cancer Center e os museus de Anatomia e D. João VI, ambos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), colaboraram com o fornecimento de peças.

História e atualidade

Para Pedro Paulo Soares, pesquisador da COC e também curador da exposição, a iniciativa consegue recuperar a história do Museu de Patologia e permite que o público tenha acesso a um acervo emblemático. "Ao recontar a trajetória do museu, a exposição traz à tona um importante capítulo da vida institucional, ao mesmo tempo em que divulga para o público temas importantes da história, da saúde e das ciências, relacionando-os à dimensão cultural e ao cotidiano das pessoas", destaca.

Em 1970, durante o regime militar, o Museu de Anatomia Patológica do IOC viu parte do seu acervo ser perdido ou destruído. Pelajo lembra que, somente em meados da década de 1980, o trabalho de preservação do material da coleção original, assim como o da Coleção de Febre Amarela, que também foi atingida, começou a ser recuperado. Naquela época, também começou a ser formada uma coleção de material histopatológico, majoritariamente experimental, posteriormente denominada Coleção do Departamento de Patologia do IOC. "Essa iniciativa visava recompor as peças que restaram das Coleções de Anatomia Patológica, que formavam o acervo original do museu, incorporando a ele a Coleção da Febre Amarela e a Coleção do Departamento de Patologia, na tentativa de organizar uma nova estrutura", explica.

Também curadora da exposição e tecnologista do Laboratório de Patologia do IOC, Barbara Dias conta que a ideia da exposição surgiu a partir de demandas recebidas pelo Museu da Patologia *online*, disponível neste endereço: http://museudapatologia.ioc.fiocruz.br. "O museu virtual foi a primeira iniciativa de divulgação do acervo das três coleções. A partir do ambiente *online*, recebemos vários pedidos para a reabertura do museu físico, a fim de divulgar a ciência e tornar o acervo disponível para visitas", revela. "Com isso, surgiu a ideia de organizar a exposição temporária *Corpo, saúde e ciência*, para que público pudesse conhecer a história e os aspectos das pesquisas atuais que permitem mais facilmente relacionar o trabalho científico aos temas do cotidiano", acrescenta Barbara.

Cartazes de congressos internacionais de higiene

As exposições de higiene e a patologia

Haendel Gomes

Convidado pelo barão de Pedro Affonso para tornar-se diretor técnico do Instituto Soroterápico Federal, o sanitarista Oswaldo Cruz viria a travar grandes batalhas pela saúde pública no início do século 20. A luta contra a febre amarela, a peste bubônica e a varíola foi marcada por forte resistência da população, a desconfiança de parte dos colegas de ofício e as críticas da imprensa. No entanto, não demoraria muito para o trabalho colher frutos com vitórias sobre as epidemias que grassavam o Rio de Janeiro e a consagração na Alemanha, onde o Brasil conquistou a medalha de ouro na exposição de higiene e demografia.

Em dezembro de 1902, divergências internas levaram o barão de Pedro Affonso a se demitir, passando Oswaldo Cruz a dirigir o instituto. No ano seguinte, ele assume a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP) – uma espécie de Ministério da Saúde –, com a difícil missão de combater uma série de doenças, que, em forma de epidemia, assolavam a capital da República. O problema causava também propaganda negativa do país no exterior, obrigando navios brasileiros a cumprir quarentena em seus portos.

O novo cargo de Oswaldo Cruz era um desafio e fazia parte do audacioso plano do presidente Rodrigues Alves, que definiu assim seu trabalho no mais alto posto da República: "Vou limitar-me quase exclusivamente a duas coisas: o saneamento e o melhoramento do porto do Rio de Janeiro".

Enquanto o sanitarista era responsável por parte da plataforma presidencial, o engenheiro Francisco Pereira Passos, nomeado prefeito, adotaria várias ações para a reforma urbana. Mandou demolir centenas de casebres e cortiços, espremidos em vielas insalubres, potenciais ou já instalados em focos de febre amarela, cólera, varíola e peste bubônica. Por sua vez, Oswaldo Cruz iniciava a guerra contra a febre amarela, maior problema sanitário do Rio de Janeiro. Em abril de 1903, o médico iniciava o combate ao mosquito, eliminando os focos onde ele se reproduzia sob a forma de larva. Para isso, à DGSP foram incorporados o pessoal médico e as turmas de limpeza da capital, contribuindo para a redução dos casos da doença.

Os mata-mosquitos passaram a percorrer a cidade, lavando caixas d'água, desinfetando ralos e bueiros, limpando telhados e calhas, eliminando depósitos de larvas do inseto. Os doentes eram isolados em casa ou levados para o Hospital de Isolamento São Sebastião.

Nesta época, Oswaldo Cruz já havia se tornado personagem dos caricaturistas na imprensa. O médico promoveu a vacinação contra a peste bubônica, desencadeando uma guerra aos ratos, o que lhe valeu nova onda de caricaturas e inspirou canções populares. Outra frente foi aberta contra a varíola, cuja medida mais polêmica foi a criação do código – aprovado em 1904 pelo Congresso Nacional – tornando obrigatória a vacinação contra a doença. A iniciativa contribuiu para a Revolta da Vacina, uma grande insatisfação popular também com a reforma urbana em execução.

Mesmo enfrentando resistência e críticas até mesmo de parte dos colegas médicos, Oswaldo Cruz pôde comemorar. Em 8 de março de 1907, o sanitarista escreveria ao presidente Afonso Pena comunicando que "a febre amarela já não mais devastava sob a forma epidêmica a capital da República".

Naquele mesmo ano, o médico e amigo Rocha Lima convenceria Oswaldo Cruz a levar a experiência brasileira ao 14º Congresso Internacional de Higiene e Demografia, em Berlim. O Brasil trouxe da Alemanha a medalha de ouro graças aos trabalhos do Instituto de Manguinhos e da Diretoria Geral de Saúde Pública, nos campos da bacteriologia geral, doenças contagiosas e vacinação, construção de hospitais, desinfecção e estatística. De maneira inédita, os organizadores brasileiros apresentaram ao público peças anatomopatológicas de doenças desconhecidas, insetos hematófagos, preparações microscópicas, ilustrações de ciclos evolutivos de protozoários etc. Entre as peças havia fígados, rins e baços de doentes de febre amarela, além de pulmões com pneumonia pestosa.

O país chamava atenção do mundo pela variedade e originalidade de seus trabalhos. A vitória consagrou Oswaldo Cruz, recebido como herói pela população em seu retorno da viagem à Alemanha. O Brasil voltaria em junho de 1911 ao país, desta vez na Exposição Internacional de Higiene e Demografia, em Dresden.

Na ocasião, a doença de Chagas foi o grande destaque, com peças anatomopatológicas, moldagens em gesso de bustos e pescoços de doentes, fotografias e ilustrações. Outros trabalhos despertaram interesse no evento: de Prowazek e Aragão, de Cardoso Fontes, as coleções de Lutz e de Neiva, entre outros. A exemplo do que ocorrera em Berlim, houve a participação da Diretoria Geral de Saúde Pública e também dos serviços sanitários estaduais. Um espaço para apresentação de filmes sobre a campanha da febre amarela e a doença de Chagas fez sucesso junto ao público da exposição, que ultrapassou três milhões de pessoas.